

ECOS DE CACIA

SEMANÁRIO INDEPENDENTE E DEFENSOR DOS INTERESSES DA REGIÃO DO VOUGA

Redactor principal: ANIBAL CRUZ

REPRESENTANTE

Em Lisboa

Anibal Cruz

Representantes em Lisboa, F. da Foz, Aveiro, Azurva, Povoa, Eixo, Oliveira, Bonsucesso, Esgueira, Mataducos, Taboira, Estarreja, Espinho e Angeja.

Fundador: J. J. Nunes da Silva

Depois do pão a Educação é a primeira necessidade do Homem. Danton

ASSINATURA

Ano, série de 50 números 20\$00
Semestre, série de 25 números 10\$00
Estrangeiro, anc. 50 números 50\$00
olomias 30\$00

Proprietário-Director e Administrador

José Marques Damião

O «Ecos de Cacia» é o jornal de maior circulação na sua terra.

Redactor e Editor

António da Costa Pinto

O MAIS DESENVOLVIDO NOTICIÁRIO DE TODAS AS TERRAS DA REGIÃO

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS

Rua da Paz—QUINTÃ DO LOUREIRO (CACIA)

Não se aceitam originaes contra a vida particular de qualquer individuo

o nosso aniversário

De muitos nossos camaradas temos recebido inumeras felicitações pela entrada no 5.º ano do **Ecos de Cacia**. A todos os nossos mais sinceros agradecimentos, de-culpando-nos de aqui não lhes registar-mos as suas amaveis palavras que todos eles dedicaram ao nosso humilde jornal

Sal é «Ecos de Cacia»!

Mais um ano que passa o nosso querido «Ecos de Cacia» defensor acérrimo dos interesses da região do Vouga.

Eu te saúdo pela passagem do teu aniversário e rogo ao feliz destino te conceda a longa vida que mereces e as prosperidades que necessitas para que possas continuar no desempenho da tua nobilíssima missão.

Em ti saúdo igualmente, a pessoa do teu Director, aquele a quem deves a existência, aquele, enfim que tem sido a tua cabeça lendaria, o meu bom amigo José Marques Damião.

Mercê de grandes vontades o «Ecos de Cacia» tem vencido, e temos a impressão, temos a certeza mesmo, e afirmará vencendo, enquanto à sua frente a não de ferro do meu querido amigo e distinto Redactor principal Anibal Cruz, incançável batalhador se manter impertubável.

Anibal Cruz, no entanto não faz alarde, nem do seu êxito, nem da força de que dispõe, e é este um dos traços que mais realça a sua fisionomia de jornalista.

Com o meu espiritual abraço, saúdo em Jo é Marques Damião e Anibal Cruz, todos os colaboradores, amigos e assinantes do «Ecos de Cacia» e ao seu corpo redactorial desejo muitos anos de vida para o bom engrandecimento do nosso «Ecos de Cacia».

Salvé «Ecos de Cacia»!

Agosto de 1934

Paes Condessa.

Visado pela Comissão de Censura de Aveiro

Um Aniversário

Entra hoje este periódico no seu 5.º ano de publicação!

É sempre consolador, para quem labuta nas suas colunas, ver o jornal atingir sobre um ano outro ano, numa causeira incessante a favor da colectividade que serve, derrubando escolhos, enfrentando altivos as mais ásperas vicissitudes. O pão nosso de cada dia da pequena imprensa que lhe dificultam o viver e a vontade de progredir.

Ao «Ecos de Cacia»—sabem-no por demais todos prantos por ele se esforçam—não tem minguido as dificuldades que arrelham, os contratempos que abatem os ânimos mais ardorosos. Mas tem seguido sempre, procurando melhorar, tornar mais útil a sua existência, numa nobre e forte vontade de bem servir a região que lhe foi berço e de que se tornou, por direito de conquista, tão honrado quanto esforçado paladino.

Não tem o «Ecos de Cacia», descurado, nestes quatro anos de existência, a missão que lhe pertence como órgão que se arrogou—por justo direito—defensor dos interesses da região do Vouga. Todos os problemas de cuja solução pode depender um maior benefício para este encantador pedaço de Portugal, concorrendo para o seu progresso, têm sido insistentemente agitados nas suas colunas, postas sempre de boa-vontade ao serviço dos interesses colectivos.

E se nem sempre ele tem visto coroar-se de pleno êxito aquilo que patrioticamente era seu desejo ver realizado para um maior prestígio da sua região, certo é que o valor dos seus esforços se não mingua por esse facto. Cumprindo o

SALVÉ 1-8-934

Mais um ano

Vai o «Ecos» entrar no quinto ano de lutas pelo progresso desta linda região ribeirinha do *Rio Vouga*, de tão velhas tradições, onde os nossos antepassados com as suas calosas mãos moírejavam para conquista as primeiras migalhas do pão com que nos começamos alimentar.

A espinhosa vida de um jornal é alguma coisa de algo importante, e merece ser bem compreendida a missão de sacrifício por parte dos seus leitores que, muitas vezes em paga da sua ingrata tarefa de corrigir as injustiças duma sociedade imperfeita e procurar melhorar o ambiente social e trabalhar em prol do regiona-

dever que à imprensa é imputado, isto é, fazendo recair a atenção de quem de direito sobre o assunto em causa, pondo em relêvo as razões que o justificam, está dentro da missão que se impõe e lhe cabe. O resto, a solução que o direito e a justiça impõe que se dê a esse assunto, está já fora das suas atribuições: a outros compete.

Fazendo votos para que a boa-vontade com que o «Ecos de Cacia» tem procurado tornar útil essa sua missão persista com o mesmo entusiasmo observado no ano que agora completa, endereçamos neste dia de festa um efusivo abraço a José Marques Damião e os nossos mais leais cumprimentos a todo o seu corpo redactorial, muito desejando os continuos progressos do jornal que tão galhardamente dirige.

Agosto, 1934

Esse Torres

Viva o «Ecos de Cacia»

Saúdo efusivamente o corpo redactorial do «Ecos de Cacia» pela entrada no 5.º ano de publicação N. S.

lismo, só encontram a indiferença ou hostilidade marcada por um riso que pretende ser superior e só ressoa falso...

Falando da abnegação que é mister para tão alta e moralizadora campanha, seja-nos permitido citar o nome de Marques Damião, um devoto que tem dado toda a sua vontade impulsiva, como outrora a deu o saudoso fundador do *Ecos*, sr. J. J. Nunes da Silva, que a morte veio roubar quando principiava a dar ao seu jornal o verdadeiro impulso que devotados quinze anos lhe veio dar um homem que, enchendo-se de coragem, sem olhar para trás, com os olhos fitos apenas no futuro, não esmorecendo um só momento, fez reaparecer aquele que já mais tornaria a ver a luz da publicidade.

Cheio de afazeres e em estado precário de saúde, dentro de uma colectividade para onde me empurraram, faltaria no entanto a um sagrado dever se não manifestasse a minha alegria por ver este pequeno baluarte caminhar na vanguarda dos grandes colossos da Imprensa.

Queiro saudar, nesta conjuntura, todo o Corpo Redactorial, especializando o nosso digno chefe e meu querido amigo Anibal Cruz, e os distintos redactores e também meus amigos, Pais Condessa e Alexandre Lima. Não esqueço também de incluir na mesma saudação os nossos camaradas tipografos, que são os nossos melhores auxiliares.

A todos envia um afectuoso abraço o nosso

Américo

Ao correr da pena

Os automóveis...
As velocidades...
Os desastres...

Os automóveis teem quatro rodas, um motor mais ou menos potente que bebe gasolina, um «prego» para se lhe carregar com o pé, e... em vista destas coisas todas, as velocidades espantosas, loucas, quo se observam constantemente por essas estradas.

Até mesmo a dentro das povoações as tais velocidades são fora das normas. Com cruzamentos, sendo, alguns, de bastante transito, que, por isso, e porque a vida do cidadão não deve de estar à mercê do «prego» d'um automóvel, as autoridades estão no dever de impor um regulamento, ao menos nas povoações, no tal carregar do dito prego.

Quatro rodas, motor, gasolina e «prego», claro com todos estes requisitos, é natural que os desastres se sucedam com frequência.

O que admira, é que eles não se tenham registado em maior numero.

Há no meio de tudo isto, é claro, alguns motoristas prudentes, que ainda assim—dentro das povoações, andam com (já agora), moderadas velocidades de, trinta, trinta e cinco ou—vá lá—mesmo quarenta quilómetros horários!!!...

Ha-os, mas são poucos. São, nestes casos, as tais honrosas excepções à regra, o que são quer dizer que estejam, mesmo assim, livres de percalços.

Ainda, quando há bons travões, e se sabem aplicar nas ocasiões proprias...

Com isso lucrariam, pedes, passageiros, e os próprios motoristas, e não haveria tanta victimia a lamentar.

Urge que o serviço da policia de trânsito, se torne mais, mas muito mais activo.

Não sendo assim, é contar que os desastres se sucedem constantemente.

Ainda,—e isto é que seria muito para admirar,—se os tais automóveis não tivessem: nem quatro rodas, nem motor, nem gasolina nem prego, ...mas além destas coisas, teem ainda, altas compressões, e, o que é mais, as tão faladas linhas a—é rodina—mi—cas. Vai assim silabado, para maior compreensão!!!

Argus

Vinhos Regionais

No passado dia 31 estive no ministério do Comércio e Indústria, onde se avistou com o chefe de gabinete Sr. Engenheiro Cancelli de Abreu, a Direcção da Associação Comercial das casas de pasto e vendedores de vinhos em Lisboa, tratando com Sua Ex.^a de vários assuntos, entre eles o da questão dos vinhos que dizem respeito à região do baixo Vouga. A pesar de não correr por esta parte este assunto, mas sim pela da Agricultura, sua Ex.^a depois de ouvir com muita atenção a exposição de factos apontados pelo presidente da referida colectividade, e de devidamente elucidado com a possível clareza, achou muito razoável esta pretensão, e sem delongas encaminhou-se a Direcção para o Ministério da Agricultura, onde fez entrega de uma exposição, no sentido de ser decretado o livre trânsito e venda dos vinhos produzidos na área dos conselhos de Aveiro, Agueda, Albergaria-a-Velha, Oliveira de Azemeis e Estarreja. Esperamos pois que Sua Ex.^a o Ministro da Agricultura, depois de ponderar a razão que assiste em referência a este momentoso assunto, faça justiça aos pobres vinicultores dos referidos Conselhos, beneficiamos nem só estes, como alguns retalhistas em Lisboa.

J. Nunes Ferreira

Agradecimento

Eduardo Nogueira da Silva, na impossibilidade de o poder fazer pessoalmente como era de seu desejo, vem por este meio em seu nome e de seus manos muito penhoradamente agradecer a todas as pessoas que se incorporaram no funeral de sua já mais esquecida avó Maria Marques da Graça.

Taboeira, 4-8-934

Eduardo Nogueira da Silva

Em goso de férias

Estão na Quinta, vindos de Coimbra onde se encontravam nas aulas, e tencionam estar até Outubro na sua linda habitação deste lugar, a Ex.^{ma} Sr.^a D. Maria Carolina Rego Costa Matos, Augusto Mendes Tavares, Fernando Maria Barbosa, José Maria Caetano de Matos, Francisco Rego Costa Matos, Fernando Rego Costa Matos, Valodomira Neves e Maria Francisca de Paiva.

A todos estes nossos hospedes, aqui lhes apresentamos as nossas boas vindas fazendo votos para que as margens do nosso Vouga, lhes sirvam de alguma utilidade.

IMPRENSA

Recebemos a visita do nosso confrade de Lisboa «A Vida Social» que naquela cidade se publica sob a direcção do jornalista sr. Mariano Pereira.

Este nosso colega aqui lhe agradecemos a sua visita, e visita, e vamos fazer a divida permuta.

Festa na Aldeia

Naquella manhã de verão, há hora em que as estrelas e as últimas sombras da noite iam empalidecendo e desmaiando, quando o céu começava a despir-se e a trocar a cor do seu manto azul, luarento, pelo carmin dos primeiros clarões do dia, a aldeia acordava alegremente entre estampidos de morteiros e o estalar dos foguetes, enquanto a filarmónica da terra, percorrendo as ruas, soprava com desenfreada gana o seu costumado hino de alvorada. Era o início da festa, o começo tradicional que durante longos tempos os regulamentos da praxe sempre faziam aparecer no programa.

Desta ou daquela esquina surgiam rapazes e raparigas, ferventes de entusiasmo, espavoridos, em carreiras e vinham juntar-se em bando no cortejo que já um grande número faziam atrás da música. Esta ia passando, solene, triunfal, espalhando no espaço um eco de vibrantes notas que a ligeira brisa da manhã arrastava por toda a aldeia até às profundezas dos vales.

Tudo estava em alvoroço; todos queriam ver, todos queriam ouvir. Então as janelas abriam-se apressadamente, as portas escancaravam-se, oude assomavam caras sorridentes, cabeças despenheadas de mulheres cujos cabelos lhes caíam em fartas tranças pelos ombros. Num portal formava-se em linha a família toda. Até a ti Brizida, uma velhinha que mal se podia mexer, muito entredada muito carunchosa, de faces minadas e queixos salientes, não resistiu a ficar sentada na sua gasta e amarelcida cadeira de verga. Conforme ponde, a muito custo, lá conseguiu arrojarse até ao postigo com a ajuda da inseparável bengala que sempre tinha a seu lado.

Aí assistiu à passagem da música e do seu numeroso séquito de homens, raparigas e rapazes, alguns ostentando canas de foguetes com lenços e trapos atados nas extremidades em forma de bandeiras. Até se deixou ficar como esquecida enquanto durou o sentimento duma velha alegria triste, pungente, mista de sofrimento. Quando se retirou ainda alguma coisa lhe agitava o coração. Talvez que uma lembrança, uma recordação florisse no arruinado canteiro do seu peito, uma longa saudade dos seus distantes tempos de moça.

Entretanto, nada havia que pudesse mudar a feição à festa. Tudo continuava animado. Os foguetes arrancavam-se com fúria, impulsivamente, zenindo, das mãos hábeis dalguns festeiros que para esse fim andavam munidos dum enorme tição acêso. Outros da comissão, muito atarefados, levavam os explosivos que faziam passar um por um aos outros primeiros.

E de vez em quando o céu parecia arrazar-se em estrondos que aos ouvidos das povoações visinhas chegavam festivamente.

A aldeia estendia-se em forma de triângulo num imenso, anotoado de casas baixas, muito brancas, até ao cimo da serra. A quem a avistasse de longe dava a ideia dum amplo tapete com uma ponta dobrada, disposto sobre o fundo duma vegetação densa. Num dos vértices erguia-se a igreja, dominadora e alva, com as suas duas torres encimadas por uma grande cruz de ferro.

Os caminhos que doutras povoações ligavam àquella, serpenteando entre montanhas em vá-

rias direcções, pareciam naquella dia carreiros de formigas com gente que vinha assistir à festa de todas as partes, desde os mais próximos casais aos mais afastados lugarejos. Pelas estradas cobertas de sol e de pó rodavam carroças apinhadas de ranchos de mulheres, com trajos garridos, e homens empunhando grandes varapaus com luzidias ponteiros de metal.

Não havia besta que não trouxesse enfiada no pescoço uma coleira tilintante de chocalhos e guisos, nem traquitana que não estivesse engalanada, toda à volta, com palmeiras, canas verdes, louro e flores.

Eram já duas da tarde. No céu nem uma nuvem e um sol abraçador bardejava implacável. Contudo, aquella hora ninguém estava em casa. Desde a igreja ao adro, um amplo recinto que naquella dia tinha o chão atapetado de rosmaninho e junco, e d'este às ruas fronteiras até ao largo do pelourinho e ao do coreto, um pobre coreto semelhante a um quiosque, onde quatro colunas de ferro, lisas, sem qualquer relevo ornamental, faziam descansar um tejadilho de zinco que terminava em bico à forma de funil, mal se podia romper com a massa compacta de povo que esperava ansiosa a saída da procissão. Nos ares pairava um alto sussurro vozarento, chinfrineiro de várias tonalidades. Alternadamente ouvia-se o retinir das campainhas dos vendilhões ambulantes que nestas festas aparecem sempre montando barracas e improvisando estabelecimentos de vários ramos de negocio. Em grandes tábuas forradas de veludo preto, alguns expunham vistosamente os seus artigos de ourivesaria barata, colecções de pechibequês e endressos de joias de latão marchetadas de reluzentes pedras de vidro. Mais além o fotógrafo à lá minute com a sua maravilhosa máquina que tinha sido um caixote de velas, instalava o atelier junto duma parede onde pendiam sobrepostos dois cenários de pano pintado. Em torno do artista aglomeravam-se curiosos que admiravam a sua exposição de retratos que tinha emoldurados numa vitrine quadrada. Nalguns lados, carroças com o descaço firmado no chão, arvoravam-se em tabernas, com cascos de vinho em cima. Um alguidar, já quasi meio de rôxo liquido, aparava na direcção da torneira os restos despejados a mais nos canjirdes de barro vidrado.

A expectativa e a demora da procissão ia moendo não só a paciência dalguns curiosos, a quem a religiosidade do acto pouco interessava como também a dos devotos.

— Esta demora toda dá-me que pensar, já havia mais que tempo, aquilo ali anda coisa, isso é que anda p'la certa, — isto frisava o João das Bichas, já meio aborrecido, ao seu compadre, o filho do Charneca Velho, maneando a cabeça com certos modos fanfarrões ao mesmo tempo que abria os braços e as mãos à maneira de leque.

O outro limitava-se a responder com um prolongar significativo de beijos, onde se arripiava um bigodesito curto, muito preto, cortado à americana.

Nesta altura uma formidável girandola de foguetes e morteiros, subiu pelo espaço fora rebotando em ensurdecedores estrondos. A missa tinha finalmente acabado e a procissão vinha já tocando o adro.

Tudo o povo se ag'tou, algu-

mas pessoas punham-se em bicos de pés, as cabeças levantavam-se entre exclamações de contentamento e surpresa.

— Lá vem, lá vem agora!...

— Até que enfim!...

— Já não era sem tempo!...

Havia empurrões, pisadelas, acotovelões, murmurios. Todos disputavam lugares, este daqui porque não via, aquele dali porque era mais baixo do que os da frente. E a procissão lá vinha passando. Na dianteira vinham os das irmandades, numa correnteza, com tochas acêsas nas mãos e vestidos com capas encarnadas. No meio d'estes vinham os anginhos com fatos brancos, de azas e enfeitados a lantejoilas. Traziam ao pescoço grandes cordões e medalhas de ouro, logo atrás seguiam raparigas com taboleiros à cabeça, a que dão o nome de fogaças e outras levavam o cumprimento das promessas e oferecimentos. Uma dessas fogaças, que eram depois rifadas pelos festeiros ao povo, constava dum leitão assado, tendo no focinho, entre os dentes, uma cenoura crua entalada e enfiado nas orbitas duas azeitonas a disfarçar os olhos.

Vinham depois os andores, que faziam os crentes ajoelarem respectuosamente. Quasi no último da procissão, recolhiam debaixo do pálio que seis dos mais considerados homens da terra seguravam, três padres, sendo o do meio o da freguesia, todo paramentado com uniforme de gala elevando a sagrada custódia sobre o peito, enquanto os outros dois seguravam nas pontas das suas vestes de folhos. Seguiam-se a filarmónica, que tocava a compasso, séria, uma lamurieta marcha. A musica era o final da procissão, propriamente dita, porque uma cãda de multidão aliava-se num grande acompanhamento.

Eram já altas horas da noite e ainda tudo respirava alegria. Nas ruas, os bailaricos continuavam animados. De todos os lados se ouvia o refofalar dos harmonicos e das gaitas de foles. Em redor do coreto e das casas de negocio ainda era grande a affluência de povo, e quando terminou a folgança daquele lindo dia de festa na aldeia, já as últimas sombras da noite se perdiam no alvor da manhã que despontava vagarosa e perfumada.

Lisbôa, 1934.

Fausta Antunes.

Padaria Progresso

Estrada de S. Bernardo

S. Bernardo

Nesta acreditada casa, que ultimamente foi tomada por trespasso pelo nosso amigo sr. Manuel Maria de Matos, fabrica-se pão com as melhores farinhas do mercado.

Preferir o pão desta casa, é ter a certeza de uma boa refeição.

Entrega-se pão no demolição de todos os freguezes, e tomam-se todas as encomendas que dizem respeito à padaria.

FALECIMENTO

Após um pequeno e cruciante sofrimento, e com a idade de 83 anos, faleceu em Cacia no dia 5 do corrente o sr. António José Caetano, marido da sr.^a Maria José Nunes de Almeida.

O seu funeral que teve lugar no dia 6, foi largamente concorrido, não só por todos os habitantes de Cacia, Sarrazola e Quinta, como por diversos de Angeja, fazendo-se representar a irmandade desta última.

Conduziu a chave do atáfúe o Ex.^{mo} Sr. Conselheiro Dr. Manuel Nunes da Silva, e as salvas os srs.: Manuel Pedro Nunes da Silva e Manuel Mateus.

Foram-lhe oferecidas quatro lindas corôas as quais tinham as seguintes dedicatórias:

Perpétua saudade de sua esposa

Eterna saudade de sua filha e marido

Homenagem de saudade de seu cunhado Guilherme, filhos e nora

Eternos beijos de seus netos.

Tratou deste funeral a antiga e acreditada casa funeraria de Guilherme Dias Capela de Angeja, que mais uma vez se apresentou com brilho em actos desta natureza.

Esquecimento ou quê?

Então quando é que o certo menino aqui da Quinta que tr. b. lha numia serialhaia em Aveiro se resolve a vir-o trazer os 10\$00 que rec. ben no dia 23 do mês, p. p. em Taboeira do nosso assinante sr. Eduardo Nogueira da Silva, estando presentes, para provarem quando assim seja necessário, as meninas Emilia Marques da Cruz, sua mana Maria Marques da Cruz e Elisa Nogueira da Silva?

Não acha o menino que é querer brincar comosco?

Por hoj é só assim, para outra vez aqui lhe publicamos o seu nome em letra bem garrafal, para assim o menino no futuro ter mais em atenção o que é de outros.

Ouviu?... Vej! lá se ouviu!

EXAME

Com a classificação de 14 valores passou para o 2.º ano o menino Ventura Dias da Silva Cunha filho do nosso presado amigo sr. Evangelino dos Santos Cunha e de sua esposa D. Augusta da Silva Cunha industriais no Barreiro.

Felicitamos o menino Ventura Dias da Silva Cunha, pela sua última classificação, enviando ao mesmo um saudoso abraço.

Padaria

Trespasasse uma em Riu-mião Vila da Feira, com todos os documentos legais, é a unica na terra, o motivo é por falta de saúde, tratar na mesma.

(1)

Falta de milho

Pela Inspeção Técnica das Indústrias e Comércio Agrícolas 3.ª Delegação em Coimbra, foi fornecida a seguinte nota á imprensa:

«Tendo-se notado falta de milho em algumas terras do País, dá-se conhecimento aos interessados que, pela Inspeção Técnica das Indústrias e Comércio Agrícolas, estão sendo tomadas medidas no sentido de a evitar, procurando fazer com que sejam urgentemente abastecidas daquele cereal todas as regiões necessitadas.

Devendo chegar ao Tejo, até ao dia 30 do corrente mês, cinco vapores com cerca de 195.000 sacos de milho colonial, todos os pedidos podem já ser dirigidos à referida Inspeção Técnica, ou directamente ao Grémio do Milho Colonial Português, em Lisboa».

De Vilarinho

Vão continuando, mas muito de vagar, os serviços de reparação na fonte que há muito está sem nos dar uma pinga de água. Apesar do mestre de obras sr. Alberto de Azevedo ter empregado todos os esforços na descoberta de uma boa nascente, o que não foi possível, lá ficamos com a chorada água que tanta falta faz a este lugar.

ESTADAS

Encontra-se aqui, chegado à dias, de Algés, onde está na panificação em visita a sua família o nosso querido amigo sr. Manuel dos Santos Calado.

Os nossos sinceros cumprimentos.

DOENTES

Conforme tem sido dito, tem melhorado consideravelmente do golpe que apanhou num dos pés, o nosso estimado amigo sr. António da Silva Torres.

Continuamos fazendo votos pelo seu pronto restabelecimento.

O TEMPO

Nestes últimos dias o tempo refreou um pouco, tendo caído em diferentes dias umas pingas de água, que vieram beneficiar e consideravelmente a agricultura.

Ainda bem, tardou mas veio.

C.

DE MATADUÇOS

Os gatinhos, as raposas ou o quer que foi entraram, a noite passada, no quintal do sr. Manuel Ferreira, de Alameda, e roubaram-lhe da capoeira 32 galinhas, tendo aparecido em varias casas, de outros proprietários muitas mortas, razão porque se descohece a origem deste facto.

Foi encontrada sem fala, na Viela Funda da Azenha, Maria Moreira, viúva de 82 anos, natural de Ilhavo, sendo conduzida ao hospital de Aveiro, tendo falecido pouco depois.

ANOS

Dia 2 D. Clara Gomes Gautier, dileta esposa do sr. Manuel Martins de Oliveira, residentes em Cascais.

Dia 5 o sr. António das Neves Palmeira de Estremoz.

Dia 15 a menina Maria Simões Pereira, filha do sr. Manuel Pereira Junior.

Aos aniversariantes enviamos cordiais parabéns.

Cumprimentamos no dia 6, na estação de Aveiro, os nossos particulares e velhos amigos, sr. António das Neves Palmeira, João Luiz Fragoso e suas Ex.ªs esposas naturais de Estremoz para onde seguiram, do seu regresso da sua viagem ao Norte do País. Que tivessem feliz viagem.

UMA AVENTURA DE 2.º JULIO VERNE

Dizem-nos que o célebre Pam-Pam... pretende, levar a efeito, uma nova viagem à lua.

Pobre ratol como o bichão-de-ou, não anda-se sempre na lua.

Se ele fizesse uma viagem ao «Mêz em V», ali sim, lhe tirariam as comidinhas, e só ali ele encontrava alívio para as suas fúrias de avanteiro dos astros.

O balão para a viagem?

O patêgo! ó ha que o espaço é muito grande e os ardores também às vezes veem a terra não ser que o balão seja construído de cimento armado!

Carteira.

Padaria e mercaria

Trespasa-se uma bem afreguesada em Ovar, tendo uma cozedura muito regular, está muito bem localizada, motivo de trespasse, a retirada do seu proprietário.

Para tratar, com o mesmo na R. Dr. José Falcão 107—OVAR

(1)

Da Povia e Pago

N.ª S.ª DA MEMORIA. — Como temos dito, terão lugar nos proximos dias 18, 19 e 20 as festas a Nossa Senhora da Memoria, que serão abrilhantadas pelas bandas de Infantaria 19, Amizade de Aveiro e Travassô.

A iluminação está a cargo do di.º tinto iluminador sr. José Ferreira de Almeida (Teeceiro) que tantas provas tem dado em todo o nosso distrito das suas aptidões.

* * *

Aos forasteiros sobretudo bretudo aqueles mais amantes da boa pinga e dos otinos petiscos incluindo o excelente leitão recomendamos o estabelecimento do nosso amigo Manuel Simões de Oliveira, situado junto ao recinto das festas.

Esta casa não só pelo esplendido retiro de que dispõe, como pelo asseio com que confecciona as comidas, é sempre recomendável e digna duma visita.

EXAMES. — Pela professora da Escola local Sr.ª D. Elvira Duarte do Pinho foram levados a exame do 2.º grau os meninos José Rodrigues Junqueiro, António dos Santos Lourenço, José Nunes Loureiro e António Nunes Pereira.

Todos estes alunos ficaram bem.

ESTADAS.—Vindo de Santarem, encontra-se aqui por algum tempo o nosso amigo sr. João Afonso Barbosa.

As nossas boas vindas.

Masíol.

Manifestos de produção

Os produtores são obrigados a fazer os manifestos seguintes:

Até 15 de Setembro:—Trigo, centeio, aveia, cevada, fava, grão de bico, batata de sequeiro e cortiça.

De 15 de Agosto a 15 de Novembro:—Milho de Segueiro, arrós, feijão, batata de regadio e vinho.

De 1 de Outubro a 15 de Fevereiro:—Milho de regadio e azeite.

Vinhos e petiscos Regionais

só na «Fermelã»

R. Manuel Bernardes, 76

LISBOA

De Angeja

Como do costume e já por varias vezes temos dito, realizaram-se aqui nos dias 4, 5 e 6 as festas em honra da N.ª Sr.ª das Neves.

No dia 4 pelas 6 horas da tarde a banda Angejense que percorrem todas as ruas da nossa freguesia, as quais se encontravam ornamentadas a capricho pelo Sr. José Ferreira de Almeida o (Teeceiro) de Albergaria-a-Velha.

As 11 horas da tarde subiram aos coretos as bandas de Couto Cucujães e Vista Alegre, que até às 4 horas do dia seguinte tocaram os melhores trechos do seu vasto repertório.

Às 11 horas missa solene e sermão pela instrumental Angejense, no fim da qual se organizou uma magestosa procissão que percorreu as ruas principais da nossa freguesia sempre acompanhada pela banda Angejense e de Eixo.

Às 6 horas da tarde começou o arraial no qual tocaram as bandas de Eixo e Angeja até às 11 horas da noite, estando sempre muito concorrido.

No dia 6 às 5 horas da tarde percorreu as ruas da nossa freguesia como nos dias transactos a nossa banda, indo depois acampar no areal do Vongra, onde tocou até às tantas da noite, onde se viu o vislumbre do aqueduto de Viana do Castelo.

Devem acabar as festas das Neves com o pequeno arraial do cabecinho no dia 12 proximo.

ESTADAS

A passar as festas de N.ª S.ª das Neves, estão aqui inumeras familias, muitas das quais ainda não tivemos a honra de cumprimentar, a todos estes, aqui pedimos que nos desculpem por aqui não lhes registar os seus nomes.

Cumprimentamos aqui na segunda-feira, o nosso estimado amigo sr. Carlos Gonçalves Carvalho e sua dedicada esposa, que de Lisboa vieram apenas por uns dias.

Também aqui abraçamos o nosso intimo amigo sr. António Correia Vidinha, que igualmente veio de Oeiras, onde está no Grupo de Especialistas; este veio com licença de 15 dias.

Vindo de Louza de Cima, onde está na panificação, encontrado aqui por umas semanas, o nosso amigo sr. Manuel Ribeiro da Fonseca.

ESTADAS

Para assistirem as festas das Neves encontram-se cá os sr.ªs. Manuel Reis, Manuel Marques Aleixo, Manuel Ribeiro da Fonseca, Piedade Ribeiro da Fonseca, e sua filha Aurora. António de Azevedo. Augusto Nunes da

Envenenamento?

Há dias uma das caseiras da sr.ª Joana Rodrigues Barbosa moradora na rua 31 de Janeiro em Cacia, de nome Iria de Almeida, tendo, duas ninhadas de pintalhões num total de 25, estes começaram a morrer uns atrás dos outros até que desapareceram por completo; desconfiando a sr.ª Iria na dona da casa que de há tempos vinha espancando todos os animais que as suas arrendatárias tem, resolveu a queixosa ir apresentar queixa na esquadra, levando alguns dos animais para que lhe fôsse feito o exame directo.

Nesta conformidade foi dada a sr.ª Joana Rodrigues Barbosa até que seja averiguado o que há de veracidade.

Aqui apelamos para a protectora dos animais, para que se faça justiça a quem de direito.

Cruz, Francisco Lucas e familia, Emídio de Matos, Constantino Chapado, Glória dos Santos Abreu Marido e filhos, Francisco Nogueira André e sua irmã, António Nogueira da Silva, Artur Nunes da Fente e familia além destes nossos conterrâneos, ainda aqui se encontram mais, não nos sendo possível adquirir os seus nomes, aqui dedimos desculpa.

CASAMENTO

Deve ter lugar por estes dias na Igreja de Santo André de Esgueira, o enlace matrimonial do nosso conterrâneo e amigo sr. Francisco dos Santos Marques; com a menina Beatriz Rodrigues da Silva daquela freguesia.

Aos noivos, que são dotados de excelentes dotes, aqui endereçamos as nossas felicitações, desejando-lhes um futuro prospero de que são dignos.

Alvará de Padaria

Vende-se um que serve para todo o Concelho de Ovar, para tratar na Padaria Central

(1) Esmoris

Lugar de hortaliças frutas e conservas

==DE==

João Nunes da Silva

Rua Direita da Graça, 85, 85-A

LISBOA

(N.º 23) Folhetim do «Ecos de Cacia»

“O Rubi Oriental”

Peça Policial em 3 actos

Original de PAIS CONDESSA

Arlete

E' muito boa! Quantas vezes, ela cuida, que eu estou dormindo, e eu sem ela dar por isso, vou encontrá-la a resar junto do meu oratório, e entrega-se tanto a Deus pedindo por mim, que quasi fica exausta de forças. Mas isto não é só um dia, é todos quantos veem ao mundo!

Barão

Julietta tem muita simpatia por

ela, por vêr o c.ºrinho com que trata a senhora Condessa!

Arlete

São favores, que eu não sei como vos agradecer!

Barão

Tudo quanto se faça por vossa excelência não é para nos reconhecer, porque a minha amizade por este solar, não é de hontem nem de hoje, mas sim já de há muitos anos! (toca o telefone e Arlete do lu-

gar onde se encontra, atende)

Arlete

Está lá?... está... sou sim! O quê?... mande já Pince-maille e que traga então a participação. Adeus! (desliga o telefone)—Veja Barão, um crime que me acabam agora de dizer pelo telefone. Uma mãe que mata um filho e lança-o ao Senal...

Barão

Que mulher tão cruel!

Arlete

Todos os dias aparecem crimes célebres, e eu com tão pouca paciência para poder resolver estes assuntos! (toca o timbre)

SCENA V

Os mesmos, Gaby e pouco depois Pince-maille

Gaby

(entra apressada da D.A.) Foi a senhora Condessa que chamou?

Arlete

Fui sim, para lhe dar uma notícia que recebi agora pelo telefone!

Gaby

Mais alguma desgraça?

Arlete

Uma mãe que matou um filho, e lançou-o ao Senal!

Gaby

Óh! Que horror! Essa mulher precisava já mortal! (ouve-se tocar uma campainha dentro)

Arlete

Deve ser Pince-maille! (para Gaby)—Mande-o entrar mesmo para aqui.

O senhor Barão, dá licença sim? (Gaby sai F. M.)

Barão

Oh! Senhora Condessa... se a minha presença a incomoda, eu retiro-me!

Arlete

Por quem é senhor Barão! (aparece à porta do F. M. Pince-maille que veste sobretudo e chapéu mole)

Pince-maille

Senhora Condessa, como está, boa?

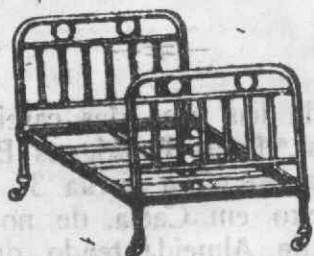
Continua.

A «Construtora» de Móveis de Ferro de Avanca

— DE —

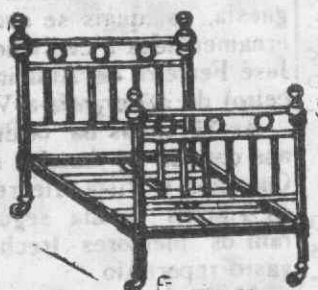
João António S. Borges

Grande produção de móveis de ferro



Fornecimento para todos os pontos do país, aos melhores preços do mercado.

Fabrico solido e perfeito. Se querem ser bem servidos e servirem bem os vossos clientes não comprem sem verificar o meu fabrico. Consultem preços.



Urnas Funerárias



Em mogno e em pinho, simples e de luxo, entalhadas, fabricam-se a preços económicos, para revenda, na casa.

Viúva de Mário Castanheira Nunes

ARGANIL

Rodrigo Patista Gomes

SERRALHEIRO-ESPINGARDEIRO

R. de S. Sebastião, 64—AVEIRO

Nesta casa executa-se qualquer serviço à sua arte, tais como: consertos de espingardas, revólveres, pistolas etc., bem como oxidação a preto e a azul de todas as armas de fogo.

Empresa Industrial de Tintas, L.^{da}

SUCCESSORA

—DE—

Candido Augusto da Costa, L da

ESPECIALIZADA EM TODAS AS TINTAS, A MELHOR QUE SE FABRICA NO PAÍS

Escritório e Fábrica: Rua da Cascalheira, 33 (Alcantara) — Lisboa

Tintas para imprensa em cores e preto vernizes tipográficos, massas para rolos, papeis para impressão e material para as artes gráficas

A MOBILADORA

— DE —

António Batista

Nesta officina executa-se com toda a perfeição e rapidez qualquer qualidade de mobílias, bem assim com a reparação nas mesmas por preços módicos.

Ninguém compre móveis sem consultar os meus preços, pois que é a certeza de um grande economia.

Rua dos Melões

OLIVEIRINHA

Francisca Negrão

Parteira Diplomada em Angeja

Dá consultas todos os dias, e faz tratamentos uterinos.

Chamadas a toda a hora

Armação para Anjos

Aluga-se toda a qualidade de vestidos para anjos, por um preço muito módico.

Quem pretender dirija-se a

Irene Nogueira Souto—Angeja

Albérico Marques

Agente e vendedor das bicicletas B S A, Universal New Hudson e outras marcas



Officina de reparações e acessórios para bicicletas. Pneus e camaras d'ar das melhores marcas

Oliveirinha—C. DO VALADO

Atenção!

O proprietário do **Restaurant Bom Jardim**, sito na Travessa de Santo Antão, 7 a 11 LISBOA, vem muito respeitosa e convidar todos os assinantes do *Ecos de Cacia* em Lisboa, a uma visita ao seu acreditado Restaurant, que fica a dois minutos da estação do Rocio, onde encontram todo o conforto moderno e aceio a preço modico.

Almoços: 2 pratos á escolha pão vinho e fruta, 5\$00.
Jantares: Sopa, 2 pratos, pão, vinho, fruta e café 6\$00.

Serviço à carta

PRATO DO DIA COM ABUNDANCIA

Especialidade da casa: **Bacalhau à Bom Jardim.**
Aperitivo: **Ginja Divina.**

Telefone: 21149

Eduardo A. da Silva

Officina de Ferreiro

Rua Luiz de Camões—CACIA

Nesta casa executam-se todos os trabalhos concernentes à sua arte, pelos preços mais módicos.

Alfaiataria e Barbearia

A melhor da freguesia de Cacia

—DE—

CASIMIRO JOAQUIM DA SILVA

Nesta acreditada casa, executam-se todos os trabalhos concernentes à sua arte pelos preços mais módicos da actualidade.

R. LUIZ DE CAMÕES—CACIA

Carimbos de berracha

GRAVURAS

—E—

DESENHOS EM TODOS OS FORMATOS. EM METAL E MADEIRA

Chapas em ferro esmaltado e em metal, e muitos outros artigos.

Tomam-se encomendas na Redacção deste jornal

António Dias de Oliveira

Com automovel de aluguer

Serviço permanente, e modicidade em preços. Chamadas a toda a hora pelo Telefone-Moita 14 e 31

Praça da República

MOITA DO RIBATEJO

COMPANHIA DE SEGUROS ANACIONAL



Soc. An. Resp. Lim.—Capital 1:224 Contos

Em 1933 Reservas—24:000 Contos

SEDE NA SUA PROPRIEDADE:

Telegramas: Lanoican
Telef. | 24570
24784

18, Av. da Liber. Lisboa

Alfaiataria

—DE—

António Maria Valente de Almeida

Largo do Calharis n.º 15 S/L

LISBOA

Participa aos seus antigos clientes e amigos que se encontram instalados nesta nova morada onde montou o seu atelier e ali atende a clientela da sua antiga casa da rua Marchal Saldanha.

Padaria Primorosa

—DE—

Evangelino dos Santos Cunha

Nesta acreditada casa, fabrica-se pão de todas as qualidades e feitios, com aceio e farinhas de 1.ª qualidade, fornecidas pelas melhores fabricas do Paiz. O pão desta casa, é fornecido sempre nas melhores condições do mercado, tanto no preço como em qualidade.

Rua 5 de Outubro, 38

Filial: Mercado Municipal

Telefone N.º 11

BARREIRO

Casa de Penhores

—DE—

Augusto A. S. & C.ª Suc.

R. Imprensa Nacional, 34 e R. Campolide, 1 LISBOA

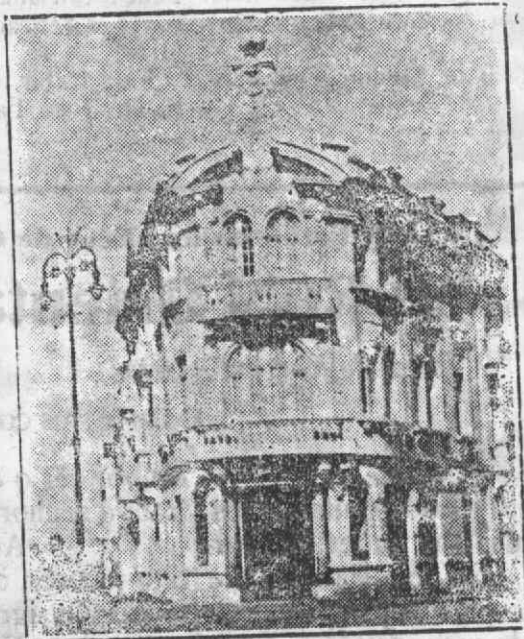
Esta antiga e acreditada casa é a que mais vantagens oferece a quem tem necessidade de recorrer ao prestamista, pois que os seus juros são os mais módicos neste meio.

Empresta dinheiro sobre ouro, prata, platina, brilhanes, relógios, mobílias, roupas, e todas as transações que digam respeito a este ramo comercial.
Pedidos ao Telefone 5402

Pensão e Restaurant

—DE—

BRUNO DA ROCHA



BOM SERVIÇO ECONOMIA E ASSEIO.
Preços reduzidos para permanentes, excursos, grupos e viajantes.
Telef: CABINE 128

A melhor e mais bem situada Pensão possuindo esplendidos e higiénicos quartos. Experimentar este novo estabelecimento é nunca mais preferir outro

Visado pela Comissão de Censura

ARMAZEM DE MERCARIA E CEREAIS
POR JUNTO E A RETALHO
Largo da Estação — AVEIRO